

# Ciência Atual

Revista Científica  
Multidisciplinar das  
Faculdades São José

2013

Volume 1 | Nº 1



FACULDADES  
SÃO JOSÉ

ISSN 2317-1499

## Andréa Freitas da Silva

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – UERJ – Professora nas Faculdades São José; Assessora da Direção Geral de Ensino; Coordenadora de Projetos de Extensão nas Faculdades São José.

## RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de discutir a temática das associações voluntárias a partir do eixo fornecido pela categoria dádiva. De caráter empírico, a pesquisa foi realizada na ONG RIOVOLUNTÁRIO, em que foram observados os primeiros contatos entre voluntários e instituições. Os candidatos ao voluntariado foram questionados acerca de suas expectativas e experiências anteriores nas ações assistenciais. No âmbito desta dissertação, o trabalho voluntário é apresentado como uma possibilidade para a participação dos indivíduos nas ações para a diminuição da desigualdade social.

**Palavras-Chave:** dádiva, voluntariado, cidadania.

## ABSTRACT

This study was elaborated in order to discuss the work of the associations of volunteers, from the understanding of the category gift. The empirical basis to investigate was a participant observation on a non-governmental organization, RIOVOLUNTÁRIO. The volunteers were questioned about their expectation towards the activity, until the moment they began to work as volunteers. Finally, the volunteer activity has become an important trial in order to reinforce the civil actions to reduce the social inequality.

**Keywords:** dgift, volunteering, citizenship.

*Sabes isso, se tens um amigo  
em quem confias  
e se queres obter um bom resultado,  
convém misturar tua alma à dele  
e trocar presentes  
e visitá-lo com freqüência.  
(Havamál citado por Mauss, 2003, p.185)*

Como categoria central no universo do voluntariado, a dádiva será objeto de análise neste artigo, entendida como um dos pontos principais que perpassam as ações de trabalho voluntário atualmente no Rio de Janeiro.

Fruto de pesquisa empírica, este artigo foi construído em relação dialógica com o campo de trabalho delimitado a priori através da construção teórica. Para isto, foi realizada observação participante num Centro de Voluntários, entrevistas com voluntários e analisados os comentários da oficina Sou Voluntário.

Estabelecido que as relações perpassadas pela dádiva são fundamentalmente relações de troca, mesmo que este não seja seu objetivo, os voluntários terão retorno de suas ações. Os aspectos investigados relacionam-se com a percepção dos voluntários em relação ao que recebem ao fazer trabalho voluntário.

## **VOLUNTARIADO E DÁDIVA: UMA ASSOCIAÇÃO PERTINENTE?**

A relação que vem à mente ao lermos a epígrafe no alto desta página, nos remete a uma situação de igualdade entre os envolvidos, onde existem confiança, tolerância e cumplicidade. Porém, nem sempre este é o tipo de relação que é reforçado pelas trocas ocorridas no âmbito da dádiva.

No Ensaio Sobre a Dádiva (2003), Marcel Mauss descreve relações permeadas pela dádiva nas quais os envolvidos eram considerados iguais socialmente: chefes trocam com chefes, de forma que suas posições sejam confirmadas. Entretanto, proponho que, no caso do trabalho voluntário, no qual a dádiva emerge a cada troca, nem sempre é este tipo de relação simétrica que está em jogo. Na verdade, no que tange ao trabalho voluntário, simetria não é a regra.

Pesquisa realizada no banco de dados do RIOVOLUNTÁRIO, evidenciou que a regra é que os candidatos a trabalho voluntário procurem grupos diferentes de seu grupo de origem em vários aspectos que abrangem desde a educação até a situação sócio econômica. A justificativa mais comum reside em sua própria experiência que os leva à constatação de que estão em situação mais vantajosa do que o público ao qual pretendem atender. Nas palavras de uma voluntária:

*...eu e mais dois amigos percebemos a falta de instrução e perspectiva dos jovens, que se utilizavam do grupo como um ponto de encontro com os amigos, sem direção para o futuro. Então, tendo em vista que um dos rapazes acabara de se formar em administração e eu de entrar na faculdade de direito, decidimos montar um cursinho que pudesse dar a possibilidade de outros jovens ingressarem na faculdade, transmitindo nossa bagagem.*

A motivação desta voluntária é coerente com as respostas surgidas na oficina de voluntários, pois é gerada após a percepção do incômodo provocado pela existência de desigualdades sociais. Esta percepção é baseada na crença de que os indivíduos podem organizar-se, interferir e contribuir para uma mudança nesta situação.

A categoria dádiva relativa ao trabalho do voluntário é baseada na igualdade em relação ao aspecto da concepção de natureza humana que está implícita no engajamento destes voluntários. Ressalte-se que a percepção dos voluntários é de que eles não são iguais ao público que atendem, devido às desigualdades sociais e de oportunidades, mas acreditam que, se tais desigualdades forem eliminadas, ou anuladas, todos serão iguais. Ou seja, partindo-se de uma situação socialmente assimétrica, buscam a simetria social.

Respalhada nesta opção, proponho que a comparação entre as categorias dádiva e voluntariado é pertinente e pode contribuir para alimentar o debate sobre as desigualdades sociais, do ponto de vista da interferência dos indivíduos para sua solução.

## EQUACIONANDO A SOCIEDADE ATRAVÉS DO TRABALHO VOLUNTÁRIO

Segundo o dicionário Aurélio, “equação é qualquer igualdade entre seres matemáticos que só é satisfeita para alguns valores dos respectivos domínios” (Buarque de Holanda, 1986, p.674). O domínio social, que certamente não se comporta da mesma forma que o domínio dos números, sofre influências de diversos fatores para que se obtenha igualdade a partir de uma proposição assimétrica como é a sociedade contemporânea. Neste domínio são as condições que devem ser alteradas ou trocadas para que a igualdade seja promovida e não as posições.

Surge então, uma pergunta que é crucial: se o voluntariado é troca, o que está sendo trocado? Tomando-se por fio condutor a argumentação de Godbout e Caillé (1999) e Godelier (2001), de que a dádiva não é uma coisa, mas uma relação social, pode-se inferir que ela é mesmo a relação social por excelência e não apenas se mantém relevante na contemporaneidade, mas se constitui num aspecto central das relações sociais, da mesma forma que em um grande número de civilizações antigas as trocas e os contratos são feitos sob forma de presentes teoricamente voluntários, mas na realidade compulsoriamente dados e retribuídos (Mauss, 2003, p.187).

Conhecimento adquirido, solidariedade, cooperação, tolerância, dedicação, responsabilidade são doados pelos voluntários que esperam ter o retorno de suas ações na forma de benefícios para si próprios e para o público atendido em seu trabalho. Nas palavras de um voluntário:

*Durmo tranquilo por estar fazendo a minha parte. Hoje o projeto que dirijo atende cerca de 100 crianças e jovens no Brasil. Mobiliza cerca de 30 voluntários, diretos e indiretos. E abriu uma discussão permanente na comunidade do Aikido nacional e internacional sobre o papel social que os faixas-pretas podem assumir, formando crianças e jovens numa arte que ensina a harmonia e a cooperação como ferramentas contra a violência.*

Podem-se distinguir três beneficiários a partir deste depoimento. O primeiro é o próprio voluntário que dorme “tranquilo por estar fazendo a minha parte”; o segundo é a comunidade de praticantes de Aikido e, o terceiro é representado pelo grupo atendido pelos voluntários mobilizados pelo entrevistado, que está sendo socializado em uma arte que “ensina a harmonia e a cooperação como ferramentas contra a violência”.

Quer dizer, o que está sendo doado pelos voluntários como moeda de troca no voluntariado são os valores que podem fortalecer o voluntário, o público atendido e a sociedade. Esta doação tem o potencial de proporcionar o equacionamento das desigualdades e problemas sociais, pois dotará os participantes da relação dos mesmos instrumentos para pensar e agir na sociedade. Portanto, somente seres considerados iguais em sua “natureza” poderiam chegar ao mesmo resultado.

## MANIFESTAÇÕES DA DÁDIVA

No Ensaio Sobre a Dádiva, publicado em 1924, Mauss aponta um paradoxo existente na dádiva, que embora seja inerentemente voluntária e gratuita, não encontra nesta condição um obstáculo para o fato de que em todas as sociedades os indivíduos são “obrigados” a praticar a troca, o que lhe dá um caráter coercitivo, que é uma das características dadas por Durkheim ao fato social.

Entretanto a prestação pode não ser aceita não ensejando o estabelecimento de qualquer relação, o que se faz com que retorne ao ponto de partida. Outra forma de rejeição no estabelecimento de relação social diz respeito à rapidez com que o retorno ocorre: se é imediato, especialmente se for como uma contradádiva monetária, é sinal de que o estabelecimento de relações também foi recusado, pois a contraprestação necessita de tempo para ser efetuada de forma que se inscreva no sistema de dádivas.

Como na dádiva os vínculos são mais importantes do que os bens (Caillé, 2002), o voluntariado está inscrito exatamente neste contexto, pois nas campanhas de divulgação, o que se valoriza é que as pessoas “coloquem a mão na massa” para ajudar, em substituição às doações monetárias, que não são descartadas, mas colocadas em segundo plano.

As doações monetárias e materiais elevam-se ao primeiro plano por ocasião de grandes campanhas nacionais, como Criança Esperança, Teleton e Mc Dia Feliz, nas quais a população é, a todo instante, bombardeada pelas peças publicitárias que as precedem acompanham.

## AS CAMPANHAS

Ainda que não se pretenda esgotar o assunto no que se refere a estas campanhas, é importante que nos detenhamos um pouco nesta modalidade de solicitação do apoio da população para “causas maiores”. Segundo informações obtidas no site do Projeto Criança Esperança, os critérios gerais para escolha de projetos a serem apoiados seguem a premissa de que sejam voltados à promoção dos direitos e à melhoria da qualidade de vida de crianças, adolescentes e jovens brasileiros. .

Ressalte-se que o mote da campanha não se dá no sentido da mobilização para ações voluntárias. Seu foco é a campanha de doações de recursos financeiros que serão utilizados na manutenção do apoio do projeto às instituições solicitantes. Porém é preciso que os que requerem o apoio enquadrem-se nos critérios adotados para seleção. Os projetos apoiados podem contar com voluntários em seus quadros, conforme verificado junto ao RIOVOLUNTÁRIO, que conta com pelo menos uma instituição apoiada pelo Projeto Criança Esperança cadastrada em seu banco de dados.

O Teleton e o Mc Dia Feliz diferem do Projeto Criança Esperança, pois enquanto este, dentro de seus critérios, apoia qualquer tipo de instituição que atenda a crianças e adolescentes, os outros dois têm um público específico para apoiar com a arrecadação de doações.

O Teleton apoia a AACD – Associação de Apoio à Criança Deficiente, principalmente no que está relacionado à construção de novas unidades de atendimento na área de saúde. Este projeto é divulgado por uma emissora de televisão – e, como o Criança Esperança e o Mc Dia Feliz, utiliza figuras reconhecidas pelo público (artistas, em geral) para estimular o apoio às suas atividades através da doação financeira.

O Mc Dia Feliz é uma campanha da rede McDonald’s que tem o objetivo de angariar recursos financeiros que virão a manter a Casa Ronald, uma iniciativa da empresa que hospeda crianças que estão em tratamento de neoplasia, em uma casa mantida pelo projeto, juntamente com um responsável.

Nesta casa, as crianças, que são de municípios distantes do Rio de Janeiro, têm possibilidade de permanecer durante todo o tratamento no Hospital do Câncer. A seleção dos internos é feita por uma assistente social, após a indicação do médico que atende à criança no hospital. A filosofia da instituição parte do pressuposto cada vez mais difundido entre os profissionais de saúde, de que, em muitos casos, o ambiente hospitalar tende a provocar depressão nos pacientes prejudicando o tratamento.

Em relação à conduta dos voluntários, a “Casa Ronald” adota os procedimentos mais padronizados, dispondo de um manual onde as mais diversas situações (de enchentes a assaltos) são previstas e listando as ações a serem adotadas em cada situação.

Estes exemplos apontam que, mesmo quando o mote é a contribuição financeira, não se prescinde da mão de obra voluntária. A observação sugere que a humanização destes espaços é o que está em jogo quando o voluntariado é trazido para complementar o aporte financeiro obtido através das campanhas.

## O LUGAR DO INTERESSE NO VOLUNTARIADO

*Mas se tens um outro  
de quem desconfias  
e se queres chegar a um bom resultado,  
convém dizer-lhe belas palavras  
mas ter pensamentos falsos  
e retribuir fraude por mentira.  
(Havamál citado por Mauss, 2003:185)*

O dom, ou dádiva, não deve ser pensado sem o interesse ou fora dele, mas contra o interesse instrumental (Caillé, 2002, p.145). Deve ser considerado como o movimento em direção ao estabelecimento de relações, subordinando o interesse de caráter instrumental ao interesse não instrumental. Estabelecido que a centralidade cabe ao estabelecimento de pactos e relações, o interesse não instrumental é representado pelo privilégio à amizade e ao prazer em detrimento do interesse instrumental, representado por compulsão ou obrigação pura e simples.

Dessa forma, estabelecemos que o dom não é desinteressado, pois opera nos interstícios onde o que está em jogo é o estabelecimento de alianças entre os grupos e indivíduos. O caráter do interesse é que é diverso do interesse egoísta, porque está direcionado para o grupo.

A ênfase nesta seção consiste em que a dádiva no voluntariado, ainda que iniciada por um interesse ou por desconfiança, incitará o estabelecimento de laços sociais considerados valiosos na sociedade contemporânea.

A questão do interesse da forma exposta pela epígrafe nos remete aos benefícios obtidos pelos voluntários. É uma tarefa difícil falar sobre benefícios e retornos para si próprios, pois as representações a respeito de solidariedade, responsabilidade e cooperação, entre outros valores relacionados ao trabalho voluntário, sugere que o engajamento é predominantemente informado pelo altruísmo.

A participação na oficina “Sou Voluntário”, na qual se tem contato com um conceito de voluntariado onde a filantropia não deve ser a única orientação, tendo como contraponto a influência da noção de cidadania participativa, em que o retorno para o voluntário também é valorizado, torna possível que os voluntários iniciem um processo de assimilação e ressignificação do voluntariado em suas vidas.

Perguntar aos voluntários sobre os benefícios da prática para si resulta em respostas paradigmáticas desta orientação, tais como : “Conhecer melhor a realidade da população com a qual se trabalha” ; “Me sinto bem com minha consciência. É gratificante ser reconhecido por um trabalho difícil, embora não seja este o propósito” ; “Eu dou carinho e elas me adoram por isso. É muito mais do que dei ; “Previne o stress, é bom para o currículo, aprende-se muito, conhece-se pessoas diferentes” ; “Mudou minha “lista de prioridades”. Os valores mudam muito...passei a valorizar mais os gestos e as pequenas coisas” ; “Satisfação pessoal” ; “Inicialmente, fui adquirir experiência profissional. Depois, uma “coisa” me impulsionava” ; “Bom humor, disposição” ; “Paz, saúde e alegria” .

Dar, receber, retribuir. Diferente do que possa parecer, o círculo não se fecha com a retribuição, pois esta incita o voluntário a prosseguir em sua prática, assim estabelecendo relações que irão prolongar-se, ou reproduzir-se no tempo.

Mais importante do que a manutenção das relações estabelecidas entre dois ou mais indivíduos, ao longo do convívio proporcionado pelo trabalho voluntário, é a apropriação dos valores implícitos no voluntariado pelo público atendido, formando-se uma nova onda de voluntários motivados pela noção de cidadania.

Esta noção “interessada” de voluntariado nos leva à questão do voluntariado no Rio de Janeiro, como uma resposta à crescente violência.

## **DÁDIVA E VOLUNTARIADO NO RIO DE JANEIRO**

Segundo Leite (1998) foi ao longo dos anos 90 que o Rio de Janeiro adquiriu fama e feição de cidade violenta, com diversos acontecimentos divulgados através da mídia local e nacional, provocando o aumento da sensação de insegurança e o desenvolvimento de uma “cultura do medo” que redefiniu as relações dos cariocas com o território urbano e com seus concidadãos, alterando-lhes a sociabilidade” (2000, p.45). É neste panorama de distensão social e medo generalizado, que começam a se organizar movimentos da sociedade civil com o objetivo de enfrentar a violência. À cultura do medo, a “cultura do voluntariado” responde com a proposta de engajamento de diversos atores sociais na resolução dos problemas que alteram o modo de vida de todos os envolvidos.

No que concerne ao enfrentamento da violência, o voluntariado tem um componente performativo, onde o gesto que não pode ser traduzido em palavras é mais eloquente do que percebe o voluntário e mais efetivo do que uma infinidade de discursos que, no mais, soariam vazios de conteúdo. A necessidade deste desempenho está relacionada às crescentes situações de violência que são vivenciadas pelos residentes no município do Rio de Janeiro.

Os eventos públicos organizados pela equipe do RIOVOLUNTÁRIO podem ser considerados como componentes deste gestual performativo cujo objetivo é, principalmente, divulgar a “cultura do voluntariado” e arregimentar mais voluntários.

## CHEGANDO AO CAMPO

Um dos primeiros voluntários a chegar enfatizou sua opinião se fizessemos sempre isso, o ambiente de trabalho seria de maior companheirismo; não ia acabar a hierarquia, mas ia ser melhor. , verbalizando um dos preceitos preconizados pelo RVR, de que o trabalho voluntário é um agente com potencial para minimizar as diferenças sociais e, como tal deve ser estimulado em todas as camadas sociais. Isto significa que, para os participantes, o evento tem um significado que se não pode ser considerado normativo, ao menos está no patamar performático, pois mesmo que não ocorra a queda da hierarquia no ambiente profissional, o que vierem a ganhar em companheirismo, camaradagem e espírito de equipe será um fruto a ser levado para a equipe de trabalho na empresa, produzindo “um vínculo humano essencial e geral, sem o qual não poderia haver sociedade” .

Um total de 32 pessoas, representando três instituições participou do evento. A instituição sede e beneficiária das atividades foi a Cruzada do Menor, que não é apenas uma creche, pois também proporciona atividades lúdicas para idosos e cursos profissionalizantes para adolescentes, bem como apoio jurídico para pessoas de baixa renda; o RIOVOLUNTÁRIO, apresentado no capítulo 2, a ONG promotora do evento; e última instituição representada por pessoas no dia MOB era a Empresa de Correios e Telégrafos.

A divisão de tarefas propiciou a mistura entre as pessoas dentro das equipes, proporcionando um panorama interessante a ser observado como descrito a seguir.

## INÍCIO DAS ATIVIDADES

Antes de iniciar as atividades que eram o objetivo do dia, todo o grupo reuniu-se para o café da manhã, antes do qual houve apresentação de cada uma das instituições, das atividades a serem executadas e a divisão em grupos de trabalho (de acordo com as habilidades de cada um).

O café da manhã foi precedido de algumas apresentações formais. A primeira por parte da representante do RIOVOLUNTÁRIO, que além de apresentar a instituição, explicou a finalidade do Dia de Mãos à Obra, que é a entrada de voluntários em uma instituição, para execução de atividades pontuais que possam ser concluídas com apenas um dia de trabalho, proporcionando para a instituição um ou mais serviços acabados e para os voluntários o prazer de ver uma obra concluída .

A apresentação do representante da Cruzada do Menor, enfatizou a importância da atividade que estava para ocorrer, tendo em vista que, normalmente, a instituição só aceita voluntários para executar tarefas cotidianas e não ações pontuais. Explicitou-se a expectativa de que, após o MOB, os participantes manifestassem o desejo de retornar à instituição para engajar-se em algum projeto. O segundo palestrante a representar a Cruzada

O representante da ECT, falou da importância de, pela primeira vez, reunir-se um grupo de funcionários para participar de uma ação pontual , agradeceu às outras duas instituições pelo convite e sugeriu que esta primeira ação na Cruzada acabasse por engendrar novos planos de trabalho em conjunto entre as três instituições. Sua fala salientou a importância da repetição, que é apontada por Valeri (1994), de que é necessário reproduzir periodicamente – mediante atos rituais – a *comunitas*, que renova os vínculos sociais dos quais depende a sociedade.

O conjunto das apresentações sugere que os atores envolvidos tinham consciência do papel que representavam naquele momento e que as consequências de suas ações reverberariam no ambiente de trabalho.

Após a divisão das tarefas, chegou-se à seguinte conformação em quatro equipes de trabalho:

1. Reparos da cerca – Equipe composta por pessoas do RVR e da ECT;
2. Academia – Apenas funcionários e voluntários da ECT;
3. Pintura do muro – Apenas cooperados e voluntários do RVR;
4. Cozinha – Coordenadora do RVR com a ajuda dos jovens atendidos pela Cruzada.

Percebe-se, pela organização dos grupos de trabalho, que a proposta de integração social que é um dos objetivos do trabalho voluntário condicionou a formação de grupos “mistos”, cuja composição contou com a participação de pessoas das três instituições representadas no evento.

## FAÇA SUA PARTE

As equipes iniciaram suas atividades na parte da manhã.

O grupo da cerca contava com seis participantes, entre eles uma mulher e seu trabalho era revestido de um caráter técnico formal, pois era preciso que algum dos participantes tivesse conhecimentos sobre levantamento e reparo de cercas. Este grupo era o que estava localizado mais próximo à entrada da instituição.

Ainda no início da atividade foi possível constatar que não basta ter boa vontade para ser voluntário, é necessário que os voluntários reúnam condições e habilidades para desempenhar as tarefas para as quais se candidatam – nenhum integrante da equipe sabia o que fazer para reparar a cerca. Este impasse foi resolvido com a adesão de um funcionário da Cruzada, que orientou os voluntários sobre os procedimentos adequados à execução do trabalho.

O segundo grupo, encarregou-se da pintura do muro. A proposta era lixar, caiar e pintar de forma colorida e criativa o muro dos fundos da instituição, para onde ficam voltadas às salas de aula. Devido à grande extensão do muro só foi possível lixá-lo e caiá-lo, não houve tempo suficiente para a pintura.

O terceiro grupo era o da academia, localizada a meio caminho do topo do terreno da Cruzada do Menor. Inicialmente, formaram-se três subgrupos devido à quantidade de tarefas necessárias para se concluir o trabalho: o primeiro, fez a limpeza externa, o segundo limpou paredes e equipamentos e o terceiro, que cuidou dos acessórios (pesos, colchonetes e bastões) que foram limpos do lado de fora. À medida que os dois grupos de trabalho externo concluíam suas tarefas, os participantes entravam para ajudar os que estavam trabalhando no interior da academia.

Diante das reiteradas afirmativas dos participantes sobre a “importância da participação”, ou da “quebra das hierarquias existentes ao local de trabalho”, uma inferência possível seria que, sem esquecer-se de seu papel social tradicional, cada indivíduo envolvido aceita trocar, ainda que temporariamente, de papel, ou seja, os envolvidos passam a representar o mesmo papel social enquanto dura o evento.

Esta ideia é fruto da crença em uma natureza humana onde os seres humanos são todos iguais, independente de sua etnia, crenças e posses, que vejo representado na prática do trabalho voluntário. No voluntariado esta ideia é passível de apreensão imediata, tendo em vista o caráter relacional imediato da ação. Este é o caso de um evento como o MOB, onde pessoas as mais diversas reúnem-se para executar tarefas pré estabelecidas em apenas um dia.

Um levantamento sobre a posição hierárquica dos participantes na ECT forneceu a seguinte composição: uma secretária de diretoria, um carteiro, um funcionário de manutenção, quatro funcionários de distribuição, uma aposentada (era da área de RH) quatro de funções administrativas inespecíficas. Esta composição nos leva a crer que a participação dos funcionários que exercem atividades localizadas em estratos inferiores da hierarquia é mais presente, enquanto a chefia “estimula e valoriza”, mas não participa.

Este estímulo à participação pode ser considerado parte importante do planejamento da visibilidade institucional obtida por meio do engajamento dos funcionários em atividades de ação assistencial.

Marisa Peirano (2002) chama a atenção para o fato de que o reconhecimento da sua dimensão performativa aponta para a importância simbólica até mesmo quando o que não é dito se torna feito. Cerca de dois meses após o dia MOB visitei a sede dos Correios e fui recebida por Vânia, que rememorou o evento e enfatizou a importância que este teve para a melhoria de desempenho de um dos funcionários, pois ele no trabalho voluntário parece ter encontrado a razão de trabalhar que havia perdido aqui dentro.

Neste tipo de ação voluntária, há uma permanente tensão entre o social e o individual, sem que, entretanto, haja prevalência final de uma ou outra dimensão, pois ambas têm sua importância e o movimento voluntário organizado é uma tentativa de manter a harmonia entre estas duas esferas.

Fora do contexto do voluntariado, os indivíduos estão encontrando dificuldade em concretizar suas aspirações de vida social ideal. Esta dificuldade está estampada nos jornais da cidade do Rio de Janeiro, onde encontramos notícias preocupantes no tocante à situação da segurança. São relatos de guerra de quadrilhas, desmantelamento do sistema de saúde, vagas insuficientes no sistema de ensino, condições de moradia muitas vezes aviltantes e desemprego, entre outras, que fazem com que muitos cidadãos não considerem que estes itens sejam prioridade das autoridades que governam o município.

Desta forma, é comum ouvirmos as seguintes definições para trabalho voluntário “tenta preencher certas lacunas deixadas pelas falhas das políticas públicas. Eu acho”, “é melhorar a sua vida melhorando a vida dos outros”, “No meu ponto de vista, um trabalho no qual o mais importante é a sua colaboração, a sua vontade e dedicação, de fazer das pessoas ajudadas, pessoas que futuramente possam ajudar outras”, “Para mim trabalho voluntário é oferecer um bem para outros sem o objetivo de retorno financeiro. A troca estaria a nível emocional, no sentido do voluntário sentir-se útil e fazendo o bem a quem precisa (ou quem este julga que precise)”

A questão apresentada foi definir trabalho voluntário e, mais do que definir, estes pretendentes ao voluntariado demonstraram a expectativa de troca, da doação que engendra laços e relações, mesmo que o retorno não se dê em sua direção ou que esteja situado num futuro não muito próximo.

O voluntário se coloca no lugar do poder público, numa tentativa de minimizar os abismos causados pela dificuldade das instituições governamentais no provimento das condições adequadas para que a igualdade entre os cidadãos seja exercida em benefício de todos. Isto nos leva a uma das primeiras observações feitas quando entrei em contato com uma central de voluntariado: de que, em regra, os voluntários não pertencem à mesma camada social dos grupos ou pessoas aos quais pretendem prestar serviço; não raro, suas casas, locais de trabalho e estudo estão separados por grande distância dos locais onde fazem serviço voluntário. Ou seja, é interessante como o outro, aqui referido no sentido antropológico, neste caso, pode constituir-se em todo um grupo social do qual o voluntário não se considera parte. É em face deste outro que os voluntários criam suas expectativas de melhoria de condições de vida. É importante perceber que a existência destes outros só será vivenciada pelos voluntários ao se colocarem no lugar deste outro.

Admitindo-se a correção do raciocínio de que o outro, para o voluntário, é um outro distante geográfica e socialmente, em conformidade com a análise do banco de dados do RIOVOLUNTÁRIO, então por que se doar, principalmente em tempo e dedicação? Por que fazer algo por alguém tão distante e que não faz parte de suas relações cotidianas?

Conforme apontado por Caillé (2002), a dívida deve ser entendida em oposição ao interesse instrumental e utilitarista. Este raciocínio nos leva ao encontro da proposição de Florence Weber (Citada por Godbout, 1999) que estabelece as seguintes características principais, para um sistema de cooperação informal, no estilo da dívida:

- “Mascaramento” da reciprocidade através da afirmação de gratuidade que é exaustivamente explorada por voluntários, e dirigentes de Centros de Voluntários sendo considerada a expressão máxima do desinteresse em retorno pessoal para os voluntários: “Trabalho voluntário é aquele em que você se dedica, sem receber uma prestação pecuniária em troca do esforço despendido; Trabalho sem remuneração feito com objetivo de auxiliar ao próximo. Trabalho esse motivado por um ideal e conduzido com compromisso e respeito”;
- Evitação de circulação monetária como forma de estímulo à espontaneidade, valorizando a ação e o envolvimento em detrimento da doação monetária possibilita que estejam em condições de igualdade, na posição de voluntários, indivíduos com diferentes níveis culturais e sócio econômicos, contudo, estes não são critérios elegíveis para se criar hierarquias no âmbito da prática voluntária: “É se dedicar sem esperar algo em troca, apenas com a intenção de ajudar e de fazer feliz, ou simplesmente melhorar a vida do próximo, nem que seja por apenas um dia; É acreditar que mesmo sem nenhum recurso material, podemos contribuir para a vida do próximo”;
- Mesmo após a retribuição a dívida não cessa, por que uma vez iniciado, o trabalho voluntário fará diferença na vida dos envolvidos, qualquer que seja seu lado da relação: “Para mim o trabalho voluntário significou vida... Significa a busca de encontrar um próprio sentido para a minha existência simplesmente estendendo a mão, a quem teoricamente e praticamente não tem nada a nos oferecer, mas que na realidade nos dá muito mais do que nós a eles”;
- A constituição de uma espiral de generosidade, onde todos os envolvidos se sentem socialmente privilegiados por participar da relação: “Trabalho voluntário é todo e qualquer trabalho que não se tem remuneração financeira. Mas não é qualquer trabalho. A meu ver é um trabalho que tem por objetivo mudar algo, ajudar alguém ou uma causa, lutar por algo sem esperar nada em troca ou em ser remunerado. Para mim, trabalho voluntário é um estado de consciência, responsabilidade e cidadania; Dizem que no trabalho voluntário você ajuda alguém, mas acredito que o aprendizado maior acaba sendo o nosso mesmo. O nosso foco amplia e com ele, as nossas possibilidades de percepção, de aprendizado e de tentar levar uma vida mais perto do que realmente importa, conseguir enxergar e aceitar o outro. Não é fácil, mas necessário”;
- O envolvimento da rede de vínculos dos indivíduos imediatamente implicados que toma forma na demonstração dada pelos voluntários a respeito da vontade de trazer parentes e amigos para realizar atividades voluntárias: “Minha mãe se interessou pelo trabalho voluntário logo em seguida, e começou a exercê-lo mais ou menos no início de 2004; Infelizmente não; Não, mas espero que outras pessoas de minha família sigam”;
- Prazer e satisfação por ter-se envolvido nas atividades que desempenha: “Sim, tenho benefícios como me sentir bem e feliz por estar cumprindo com minha parte cidadã”.

O que quer que esteja circulando e sendo trocado, o faz inscrito dentro de uma rede de vínculos e tende a extrapolar os limites desta rede, visto que os indivíduos estão imbricados em diversas redes de relacionamento.

Num contexto onde os efeitos da ruptura dos valores que mantém a sociedade coesa e segura para todos são percebidos por indivíduos de todas as camadas sociais, como é o caso do Rio de Janeiro, o trabalho voluntário se apresenta como uma possibilidade de que os cidadãos participem das discussões e das ações organizadas para responder ao crescimento da violência e da desagregação oriundas da depreciação dos laços sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fábula do beija-flor já é bastante conhecida de todos os que estudam e militam no campo dos movimentos sociais. A singeleza e a beleza da mensagem residem no valor dado ao trabalho dos indivíduos mais simples, mais fracos e, que mesmo assim têm a possibilidade de participar de na construção da sociedade a partir de bases mais justas. E ele prossegue com seu trabalho mesmo quando animais mais fortes desvalorizam seu esforço em tentar apagar o incêndio. O incêndio ameaça o modo de vida do beija-flor da mesma forma que a violência e o esfacelamento de valores inerentes à cidadania ameaçam o modo de vida do voluntário.

Assim é a vida dos voluntários que acreditam que ao fazer sua parte e doar seu tempo, seus talentos e sua boa vontade contribuem para a melhoria das condições de vida de todos os indivíduos e não apenas daqueles diretamente envolvidos nas relações diárias engendradas pelo seu trabalho voluntário.

Muitos daqueles que procuram o RIOVOLUNTÁRIO chegam com perguntas e receio por não saber o que encontrarão. Afinal, não sabem se lhes será dada autonomia para decidir que tipos de atividade farão, qual o público que atenderão e o quanto de seu tempo será necessário dedicar às atividades do trabalho voluntário.

Alguns não sabem nem mesmo o porquê de sua atitude. Simplesmente “ouvi falar e estou aqui”. Outros têm ideia bem definida a respeito dos seus objetivos “quero aprender a falar em público e neste trabalho serei obrigado a dialogar com as pessoas”. Mas qual é o motivo que os leva a escolher o trabalho voluntário como veículo para chegar ao ponto que pretendem? Noutras palavras por quê se voluntariar? Para se aprender a falar em público existem outras formas de treinamento e para passar o tempo também há várias alternativas. O fato é que, num Centro de Voluntários, não há motivação que seja mais valiosa, nem função que seja mais importante.

Voluntariar-se é poder ver a face do outro e conhecê-lo por meios pacíficos. Colocar-se em seu lugar e conseguir uma chave analítica para entender suas necessidades e suas motivações. É também permitir que o outro o veja além da máscara social do dia-a-dia, em situações incomuns, aprendendo junto. Estes são ganhos valiosos dos pontos de vista pessoal e social.

Através das relações estabelecidas dentro de uma relação permeada pelo trabalho voluntário, os sujeitos envolvidos adquirem uma perspectiva em relação à riqueza das diferenças sociais que é difícil de ser alcançada por outras vias. É a participação que proporcionará aos voluntários a compreensão dos outros modos de vida que dividem com ele o espaço no tecido social. Esta é a maior proximidade possível com a vida em comunidade, com relações baseadas em acordos tácitos, tão distantes hoje num meio social complexo.

Ainda que o medo seja a motivação, este é um modo de espantá-lo para longe. É uma forma do voluntário sair de sua zona de conforto e começar a agir pensando nas suas contribuições para a construção de uma sociedade na qual este medo pode ser deixado de lado.

Isto não significa que o voluntário deva assumir o lugar do poder público. Embora muitos voluntários atuem em áreas que são da responsabilidade do poder público, o que ocorre não é uma mera substituição, pois ele irá adquirir conhecimento sobre as dificuldades inerentes às em que estiver atuando e poderá reunir elementos para avaliar o desempenho dos governantes. Além do mais, poderá contribuir com ideias inovadoras para a solução dos problemas.

As vozes dos voluntários foram trazidas para o espaço deste texto com o objetivo de que fossem ouvidas em suas mais variadas nuances. Mesmo o voluntário que vai atuar por amor ao próximo, portanto inserido em um registro de fraternidade é iniciado nos meandros do valor cidadania. É fraterno, mas passa a perceber-se sujeito de direitos e deveres, bem como o público ao qual irá atender em suas atividades. A este valor acrescentam-se outros que vão informar um conceito de trabalho voluntário complexo onde ora o cerne é a tolerância, ora a responsabilidade. É importante perceber que estes valores fazem parte de uma estratégia que constrói uma narrativa onde os voluntários apresentam-se como um grupo com potencial para mudar a ordem social. Por que estão comprometidos, acreditam e, sobretudo, por que querem fazê-lo.

Diz-se que o trabalho gera frutos. Pois o trabalho voluntário também os gera. O próprio comprometimento com as ações faz com que o trabalhador comece a se transformar: ele passa a perceber o outro, e a recíproca é verdadeira. Começa a se sentir responsável e atua para atrair outros indivíduos para o voluntariado. Gera frutos nos que são ajudados ao melhorar as condições de vida e ao torná-los devedores de uma ação baseada na solidariedade e na dádiva. E, ao pagar sua dívida, todos ganham.

Aqui, generosos e solidários agregam às suas ações uma visão complexificada dos processos sociais que provocam as desigualdades; têm em vista a noção de reciprocidade cuja orientação não é apenas a assistência ao outro, mas o crescimento de ambos a partir de contribuições diferentes.

\*\*\*

Trabalho voluntário é considerado importante do ponto de vista da administração pública. Isto pode ser comprovado pelo fato de que uma instituição do porte do Conselho da Comunidade Solidária tenha dedicado esforços no sentido de se criar uma rede de Centros de Voluntários no país. O objetivo foi proporcionar aos sujeitos individuais o lócus no qual podem interferir com a realidade social do ponto de vista de uma participação denominada cidadã. Sua retórica está baseada na premissa de que todos podem ser voluntários, basta querer.

Se isto é verdade, não existe uma pré-condição para ser voluntário. Embora a vontade de “fazer algo” seja comum a todos os voluntários, a experiência e a observação sugerem que há mais complexidade envolvida nesta questão. Não é o caso de se exigir um perfil ideal dos candidatos ao trabalho voluntário. Porém a dinâmica de trabalho das oficinas acaba funcionando como um obstáculo para aqueles que não estão dispostos a dedicar-se, tolerar as diferenças, ser responsáveis com as tarefas assumidas e submeter-se ao regime das instituições nas quais irão desempenhar seus trabalhos.

Portanto, mais do que querer o voluntário precisa ter disposição para aceitar os desafios que serão impostos por estar trabalhando em instituições onde a infraestrutura, muitas vezes está muito aquém do aceitável.

Esta conclusão baseia-se nas desistências ocorridas após as oficinas com a justificativa de que “isso não é para mim”, ou “eu já vou trabalhar de graça, ainda vou ter um monte de responsabilidade?”. Além dos aspectos comportamentais há os requisitos técnicos para execução de tarefas de sofisticação variada, como foi visto no evento do Dia MOB, quando constatar que não basta ter boa vontade para ser voluntário, é necessário que os voluntários reúnam condições e habilidades para desempenhar as tarefas para as quais se candidatam – nenhum integrante da equipe sabia o que fazer para reparar a cerca. Este impasse foi resolvido com a adesão de um funcionário da Cruzada, que orientou os voluntários sobre os procedimentos adequados à execução do trabalho.

Entretanto, esta história também é boa para pensarmos sobre a condição de ser voluntário. A observação sugere que não há um perfil ideal para que um voluntário desempenhe sua tarefa satisfatoriamente. Isto não se refere à técnica, mas aos valores pessoais. As atividades podem ser ensinadas com grau de sucesso variável e, caso seja necessário habilidade específica, o voluntário indicado já a terá. Mesmo assim, nem todos podem ser voluntários, por que, embora valores também possam ser assimilados no contato interpessoal – e o trabalho voluntário proporciona relações suficientes para abastecer o repertório dos indivíduos por muito tempo –, querer fazer o trabalho é fundamental para se superar os obstáculos existentes para a execução das tarefas. Também é fundamental acreditar que o que se está fazendo realmente irá contribuir para a transformação do próprio voluntário e daqueles para quem ele trabalha.

Em face do que foi exposto acima, enfatiza-se que o trabalho voluntário não deve ser analisado apenas do ponto de vista da fraternidade e da possibilidade de atuação de todos. A análise deve adotar a perspectiva de que há um jogo de interesses, ainda que não sejam interesses meramente instrumentais, orientando as escolhas dos indivíduos.

As ênfases dadas pelos indivíduos às suas motivações são condicionantes no início do processo de inserção no trabalho voluntário. Mas, quanto maior a duração do tempo em que ele convive com os profissionais das instituições que são treinados no RIOVOLUNTÁRIO, menos a sua importância será verbalizada por eles. Nestes casos, os voluntários terão suas motivações condicionadas pelos valores de cidadania participativa que são o principal referencial de trabalho do RVR.

\*\*\*

Outro aspecto importante ao pensarmos em voluntariado no Brasil, diz respeito à relativa facilidade de migração de uma prática estritamente circunscrita ao domínio privado ter migrado para o domínio público. Muitas famílias têm tradição de trabalho voluntário e cada uma delas o encena segundo seus critérios. Não há alarde fora do círculo familiar, apenas as ações para os grupos ajudados. Mas, desde o início da década de 90, podemos assistir a algumas mudanças. No início desta década, os caras pintadas estavam nas ruas e foram seguidos pelos Comitês de Cidadania do Betinho.

\*\*\*

Houve um incêndio na floresta e enquanto todos os bichos corriam apavorados, um pequeno beija-flor ia do rio para o incêndio levando gotinhas de água em seu bico. O leão, vendo aquilo, perguntou para o beija-flor: "Ô beija-flor, você acha que vai conseguir apagar o incêndio sozinho?" E o beija-flor respondeu: "Eu não sei se vou conseguir, mas estou fazendo a minha parte".

É aqui que tudo continua a ser misturado, os voluntários trocam experiências e os valores mesclam-se, confundem-se, re-significam-se. Nestas trocas reside a possibilidade de que os indivíduos se tornem outros, ainda que temporariamente e contribuam para o debate sobre as desigualdades sociais.

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, L. *Veiled Sentiments – honour and poetry in a Bedouin society* – London, University of California Press, 1986.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERTELLI, Luiz Gonzaga et alli. *Centro de Integração Empresa Escola – CIEE – O Voluntariado no Brasil: IV Seminário CIEE/Gazeta Mercantil sobre o Terceiro Setor*. São Paulo: CIEE, 2001.
- BUARQUE DE HOLANDA, A. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BURGESS, E.W. *As Áreas Urbanas*. In: SMITH, T.V e WHITE, L.D. *Chicago – An Experiment in Social Science Research* – University of Chicago Press, Chicago, 1929, - Tradução Mário Antônio Eufrásio
- CAILLÉ, Alain. *Antropologia do Dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia*. In: *Novos Estudos Cebrap*. n. 21, SP, jul/1988
- COELHO, Maria Claudia. *Dádiva e Emoção: obrigatoriedade e espontaneidade nas trocas materiais*. RBSE, v.2, n.6, pp.322-338, João Pessoa, GREM, Dezembro de 2003.

- COULON, A .A Escola de Chicago. Campinas: Papirus, 1995.
- DURKHEIM, E. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna [1958].In: Feldman-Bianco, Bela (org.), Antropologia das sociedades contemporâneas - Métodos. São Paulo: Global, 1987.
- GODBOUT, Jacques T. O espírito da dádiva. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GODELIER, Maurice. O Enigma do Dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.
- KONDO, D. Crafting Selves – Chicago, The University of Chicago Press, 1990.
- LANDIM, Leilah e SCALON, Maria Celi. Doações e trabalho voluntário no Brasil – uma pesquisa. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000.
- LANDIM, Leilah. Para além do Mercado e do Estado: filantropia e Cidadania no Brasil. ISER: Rio de Janeiro, 1993.
- \_\_\_\_\_(ORG). Ações em Sociedade: militância, caridade, assistência etc. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- LARAIA, R.B.Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.
- LEITE, Márcia Pereira. Entre o Individualismo e a Solidariedade: Dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro/Between individualism and solidarity: dilemmas of politics and citizenship in Rio de Janeiro. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. Oct. 2000, vol.15, no.44 [cited 10 September 2005], p.43-90. Available from World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-6909200000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6909200000300004&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0102-6909
- MALINOWSKI, B. Crime e Costume na sociedade selvagem. Brasília, Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- \_\_\_\_\_. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo, Abril Cultural. (1976).
- MARSHALL, T. H. Cidadania, Classe Social e Status. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva: Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PEIRANO, Marisa. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, Mariza. O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- \_\_\_\_\_. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: PEIRANO, Mariza. O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- SILVA, Vagner G. da et alii (orgs). "Etnografia: identidades reflexivas". In: Antropologia e seus Espelhos – a etnografia vista pelos observados. FFLCH/USP, 1994.
- \_\_\_\_\_. O Antropólogo e sua magia. São Paulo: EDUSP, 2000.
- TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis: Vozes, 1974

VALERI, Valério. Rito. In: Enciclopédia Einaudi. V. 30 – Religião. Rito. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994, pp. 325 – 359.





[www.saojose.br](http://www.saojose.br) | (21) 3107-8600  
Av. Santa Cruz, 580 - Realengo - Rio de Janeiro